



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

## FANTASIA, ILUSTRAÇÃO E DITADURA MILITAR EM *CLARICE*, DE ROGER MELLO: OLHARES E IMAGINÁRIOS SUBVERSIVOS



## FANTASY, ILLUSTRATION AND MILITARY DICTATORSHIP IN *CLARICE*, BY ROGER MELLO: SUBVERSIVE LOOKS AND IMAGINARY

Tayane Fernandes dos SANTOS  
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Gnaína dos Anjos CARNEIRO  
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Luana Stefanny de Sousa LIMA  
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Vivian Hellen da Silva COSTA  
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

Dheiky do Rêgo Monteiro ROCHA  
Universidade Estadual do Maranhão, Brasil

---

## Resumo

---

Este artigo tem como objetivo analisar a função da fantasia e do real no contexto da Ditadura militar brasileira, sendo agenciada pelas relações entre o texto verbal e a ilustração, tendo como *corpus* a obra *Clarice* (2018), escrita por Roger Mello e ilustrada por Felipe Cavalcante. Para tanto, metodologicamente, realiza-se um estudo de abordagem qualitativa e bibliográfica, apoiando-se nos estudos de autores como Azevedo (2005), Andruetto (2017), Rocha e Magalhães (2020), Fittipaldi (2008), Ribeiro (2008), Dalcin (2020), Gaspari (2002a, 2002b), Dalcastagnè (2020), Oliveira e Thomaz (2020), Fregonezi e Priori (2017), dentre outros, que apresentam contribuições teóricas e críticas que envolvem literatura infantil e juvenil, fantasia, ilustração e Ditadura militar no Brasil, temas caros e relevantes para o campo da literatura destinada aos leitores crianças e jovens, sobretudo para esse último público, considerando a complexidade temática de repressão e censura na narrativa ficcional. A partir da análise da obra literária em estudo, depreende-se que a articulação entre a fantasia, o texto verbal e a ilustração auxilia na compreensão do contexto da Ditadura militar, permeado por uma atmosfera de tensões, suspense e segredos. A obra literária *Clarice* associa configurações estéticas e literárias, a convite do imaginário fantasioso das personagens, a partir da referência a realidade, instaurando olhares e reflexões atinentes à vivência humana, com vistas na ampliação da produção de sentidos no horizonte leitor infantil e juvenil, numa perspectiva emancipatória.

---

## Abstract

---

This article aims to analyze the function of fantasy and reality in the context of the Brazilian military dictatorship, being managed by the relationship between verbal text and illustration, having as *corpus* the work *Clarice* (2018), written by Roger Mello and illustrated by Felipe Cavalcante. Therefore, methodologically, a study of qualitative and bibliographic approach is carried out, based on the studies of authors such as Azevedo (2005), Andruetto (2017), Rocha and Magalhães (2020), Fittipaldi (2008), Ribeiro (2008), Dalcin (2020), Gaspari (2002a, 2002b), Dalcastagnè (2020), Oliveira and Thomaz (2020), Fregonezi and Priori (2017), among others who present theoretical and critical contributions involving children's and youth literature, fantasy, illustration and military dictatorship in Brazil, themes that are dear and relevant to the field of literature aimed at children and young readers, especially for these last ones, considering the thematic complexity of repression and censorship in the fictional narrative. From the analysis of the literary work under study, it appears that the articulation between fantasy, verbal text and illustration help to understand the context of the military dictatorship, permeated by an atmosphere of tension, suspense and secrets. The literary work *Clarice* associates aesthetic and literary configurations at the invitation of the characters' fantasy imaginary, based on the reference to reality, establishing views and reflections related to human experience, with a view to expanding the production of meanings in the children and youth reader horizon, in an emancipatory perspective.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Literatura infantil e juvenil. Fantasia. Ilustração. Ditadura militar no Brasil. Função emancipatória.

**Keywords:** Children's and youth literature. Fantasy. Illustration. Military dictatorship in Brazil. Emancipatory function.

---

## Texto integral

---

### Introdução

A obra *Clarice*, do escritor Roger Mello, ilustrada por Felipe Cavalcante, publicada pela editora Global em 2018, sob a rubrica de *ficção infantojuvenil brasileira*, narra a história de Clarice, uma criança que tenta entender o mundo adulto, em meio a um contexto marcado pela opressão do regime ditatorial militar no Brasil. Na busca pela compreensão dos acontecimentos ao seu redor, a personagem constantemente transita no plano da fantasia, dando “asas à imaginação”, ao longo de suas aventuras expressas na narrativa, tanto no texto escrito quanto nas ilustrações, tomando consistência para possíveis imaginários subversivos.

O livro *Clarice* foi agraciado com alguns prêmios importantes na área da literatura, entre os quais podemos destacar o Prêmio FNLIJ 2019 – Produção 2018, na categoria Jovem Hors-Concours, o Cicla/Shanghai – 2º lugar e Menção Honrosa do Júri, o Prêmio Jabuti 2019 pelo projeto gráfico, entre outros. Também foi incluído no catálogo *The White Ravens* 2019, uma das mais importantes distinções no campo da literatura infantil e juvenil mundial, criado pela *International Youth Library*, de Munique, na Alemanha. Isso posto, reconhecemos a qualidade estético-literária dessa obra, considerando o parâmetro crítico dos prêmios de literatura mencionados, pois são formados por um júri de especialistas na área.

Consoante ao exposto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade constante de estudos e análises acerca da literatura infantil e juvenil de qualidade estético-literária, haja vista que o público-alvo desse gênero está sempre em processo de descobertas e redescobertas e os cuidados com textos literários voltados, mais especificamente, para esses leitores preferenciais, devem ser elaborados com vistas a contribuir para o pleno desenvolvimento emancipatório de crianças e jovens, no tocante aos caracteres estético, intelectual e crítico. Assim, evocando a concepção de leitura como espaço deflagrador de outras ações-revoluções, propalada por Lúcia Pimentel Góes (2003), afirmamos que a literatura infantil e juvenil mobiliza processos de relações contextuais de produção e percepção em torno do livro e dos leitores preferenciais.

Dessa forma, consideramos que os temas fantasia, ilustração e Ditadura militar brasileira, conjugados neste estudo, são relevantes por se fazerem presentes na obra *Clarice*, que merecidamente já faz parte de um rol de obras infantis e juvenis que formam o lastro da memória da história brasileira, desse período de repressão e censura, sendo produzida com base na memória dos familiares do escritor da obra. A presença de forças repressoras no contexto narrativo das ações das personagens dessa obra revela uma abertura para a

reflexão a respeito do tema principal – Ditadura militar brasileira –, que tem relevância histórica para a sociedade brasileira. Em face disso, é lícito que o tema se mostra expressivo no horizonte de leitura do leitor juvenil, especialmente, para a sua formação enquanto sujeito sócio-histórico. Assim, este estudo tem como objetivo analisar a função da fantasia e do real no contexto da Ditadura militar no Brasil, por meio da relação entre a linguagem verbal e a ilustração em *Clarice*, de Roger Mello.

Para tanto, realizamos um estudo de abordagem qualitativa e bibliográfica, com suportes teóricos e críticos baseados, principalmente, em estudiosos como Azevedo (2005), Rocha e Magalhães (2020), no que concerne aos conceitos relacionados à Literatura infantil e juvenil e à fantasia na literatura infantil e juvenil; além de Ribeiro (2008) e Dalcin (2020), no que se refere às contribuições da ilustração no livro para crianças e jovens; Gaspari (2002a, 2002b), Dalcastagnè (2020), Oliveira e Thomaz (2020), Fregonezi e Priori (2017), para compreender acerca do período de opressão da Ditadura militar no Brasil, dentre outros.

No que se refere às expectativas de contribuição do presente estudo para o campo da literatura infantil e juvenil, almejamos que, por meio da análise da obra literária *Clarice*, possamos aprimorar os conhecimentos acerca dos assuntos relacionados à fantasia, ilustração e Ditadura militar brasileira, bem como colaborar também para o desenvolvimento da fortuna crítica sobre a obra do escritor e ilustrador Roger Mello, notável nome da literatura infantil e juvenil brasileira contemporânea.

### **Fantasia, ilustração e ditadura militar brasileira na narrativa para crianças e jovens**

A criança e o adolescente são seres em processo de desenvolvimento, e esses estão construindo e reconstruindo a história acerca de si e do mundo que os rodeia, buscando experiências afins e contraditórias. Esse aspecto de autodescoberta dá-se, entre outras coisas, por meio do ato de fantasiar. Em artigo intitulado “Fantasia e Real na Literatura Infantil: um excuro teórico para emancipação do leitor criança”, os estudiosos Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha e Maria do Socorro Rios Magalhães sublinham que:

A fantasia [...] consiste num processo psíquico comum aos seres humanos, que faculta a possibilidade de cada indivíduo experimentar eventos correspondentes às suas demandas existenciais, por meio da imaginação, enquanto sujeito inserido numa determinada sociedade. A vida social, ou até mesmo as situações de solidão, podem propiciar ao homem o seu encontro com contextos imaginários, mas que não se realizam na concretude da sua vida. Portanto, essa esfera significativa, de ordem mental do ser humano, consiste numa simulação de fatos que geram expectativas por quem as conecta com o mundo real (ROCHA; MAGALHÃES, 2020, p. 89).

Dessa maneira, o ato de fantasiar proporciona que o ser humano, de alguma forma, reflita sobre o seu próprio ser e a realidade, e na criança, em específico,

auxilia no desenvolvimento de diversas capacidades sociais e cognitivas, contribuindo para a sua emancipação como sujeito, conforme acrescentam ainda Rocha e Magalhães (2020). O fantasiar é uma faculdade humana que garante o trânsito em universos imaginários. Nesse sentido, como a literatura, naturalmente, é resultado da fantasia na elaboração ficcional, tal faculdade também está presente na recepção do leitor literário infantil e juvenil.

A literatura, mais precisamente, voltada para o público infantil é um importante instrumento de auxílio à ação de fantasiar. De acordo com Rocha e Magalhães (2020, p. 96), “o encontro da criança com a fantasia na literatura permite que ela tenha acesso ao seu mundo interior, conheça seus sentimentos, medos e conflitos, propiciando um equilíbrio para o seu crescimento existencial”. Esse aspecto de fantasiar também é estendido, naturalmente, ao público juvenil, leitor mais apto ao imbricamento das linguagens propostas e à complexidade temática da obra *Clarice*. Portanto, a fantasia na narrativa para crianças e jovens conta com o jogo verbal e não verbal nas linguagens que compõem o livro para esses leitores preferenciais. Nesse sentido, a respeito da fantasia, evocamos ainda o pensamento de Umberto Eco (1999), apontando que:

Qualquer passeio pelos mundos ficcionais tem a mesma função de um brinquedo infantil. [...] ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido à infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo (ECO, 1999, p. 93).

Essa incursão pelos caminhos da ficção surge da ação de fantasiar, porque quando o leitor exerce a fantasia na leitura da literatura, ao mesmo tempo ela produz sentidos que podem repercutir na *práxis* do mundo real do receptor.

Na perspectiva da presença do elemento fantasia na literatura infantil e juvenil, cabe ressaltar um aspecto que, muitas vezes, pode auxiliar no desenvolvimento imaginativo e fantástico de crianças e jovens, o livro com ilustrações. De acordo com a ilustradora Ciça Fittipaldi (2008, p. 107), “[...] as imagens visuais detêm uma enorme capacidade de abrir espaços no imaginário, de criar experiências sensíveis, formais, afetivas e intelectuais que alimentam o imaginário”. Assim, podemos afirmar que a ilustração tem um importante papel na ativação do imaginário da criança e do adolescente, no auxílio de ambos à interpretação das histórias dirigidas a eles, que, editorialmente, engendram a narrativa visual à narrativa verbal, constituídas de sintaxe e semântica próprias, convergentes à produção de sentidos pelos leitores preferenciais.

Conforme o pensamento de Marcelo Ribeiro,

[...] a ilustração como signo deve ser entendida também como um documento histórico que envolve diversas configurações visuais (como cor, traço, composição etc.), técnicas utilizadas em cada época e o emprego de elementos icônicos. Esses conjuntos combinados possibilitam um modo de olhar particular, em que o livro se transforma tanto a partir da própria integração entre

leitor e objeto quanto por meio da transformação da experiência do sujeito com relação à sociedade (RIBEIRO, 2008, p. 126).

Portanto, a adesão do leitor à leitura da literatura, por meio da ilustração que integra o objeto livro, mobiliza-o para a construção de olhares autônomos e sincronizados às reverberações visuais que o mundo contemporâneo exige dos sujeitos. Segundo Linhares (*apud* VASCONCELOS, 2014), a representação imagética precisa estabelecer sintonia com o texto, mas não significa que deve somente reproduzir, fielmente, o que está escrito. Caso contrário, a ilustração desempenharia somente a função descritiva, repetindo o que já foi dito no texto escrito, limitando as possibilidades de produção de sentidos das imagens presentes no livro para crianças e jovens. Isso posto, destacamos que a obra *Clarice* se configura em um jogo dinâmico de linguagens na composição entre texto escrito e ilustração, para gerar construções de sentidos coerentes sobre a narrativa que vai se organizando no imaginário do leitor, e formando o seu olhar para o caráter estético, tão discutido na contemporaneidade. Nas palavras de Vasconcelos:

Mais do que simplesmente prender-se ao texto escrito, submetendo-se a ele de forma absoluta ou apenas “enfeitando” o escrito, a ilustração tem a função de dizer diferentemente o que já está dito por meio das palavras, também acrescentando novos aspectos. Portanto, ao relacionar-se coerentemente com o texto verbal, o texto por imagens contribui significativamente para uma competente leitura da história (VASCONCELOS, 2014, p. 1).

Convém também trazer à baila a visão do escritor, ilustrador e pesquisador brasileiro Ricardo Azevedo, afirmando o seguinte:

Diante do texto de ficção e poesia, a meu ver, não resta outra saída ao ilustrador do que apelar para imagens subjetivas, metafóricas, poéticas, arbitrárias, fantasiosas, simbólicas, analógicas e ambíguas. São as únicas compatíveis com os textos que pretendem ilustrar e com o qual procurarão dialogar (AZEVEDO, 2005, p. 44).

Nesse sentido, conforme o pesquisador Azevedo (2005), o texto de ficção é essencialmente subjetivo, trazendo para o plano da narrativa significativas possibilidades expressivas de ordem verbal e visual que realçam na abordagem de temas complexos e relativos da vivência humana.

Assim, a fantasia e a ilustração nos livros infantis e juvenis podem auxiliar na mediação da leitura e apropriação desses leitores acerca de temas diversos, que podem abranger questões sociais, históricas, entre outras, como, por exemplo, o contexto da Ditadura militar brasileira, que é apresentado pelos indícios de ordem histórica no livro *Clarice*, de Roger Mello. Essa temática de cunho político-ideológico já esteve presente em muitas outras obras infantis e juvenis brasileiras, de forma simbólica, caso das obras *O reizinho mandão* (1978), de Ruth Rocha, e *Era uma vez um tirano* (1982), de Ana Maria Machado, entre outras. No livro de Roger Mello, a temática sobre o regime repressivo supracitado é expressa na conjugação do texto e da ilustração, bem como do projeto gráfico, para uma convergência de

caráteres estético, simbólico e ético, apresentando tensões e mistérios vivenciados por protagonistas crianças, Clarice e Tarso, ou seja, a história narrada na perspectiva da infância. A propósito disso, Camila Pereira de Sousa e Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2021) afirmam que a referida obra de Roger Mello mostra a constituição da infância de Clarice vivenciando o momento opressor do regime militar. Segundo os estudiosos, a noção de infância tende a uma construção social, em que está subordinada a mudanças de características históricas, bem como culturais, entre outras. Ainda a respeito da personagem na condição de infante, de acordo com os autores,

os acontecimentos atingem a menina por meio da privação do direito a uma infância plenamente livre, tendo em vista as situações de fugas e opressões a que é submetida, aproximando seu mundo do mundo dos adultos do seu núcleo de convivência. Apesar disso, elementos do universo infantil e uma visão crítica da realidade possibilitam a protagonista contestação frente às consequências do regime opressor, transmitindo uma mensagem de resistência aos leitores (SOUSA; CARVALHO, 2021, p. 33-34).

O regime autoritário do período da Ditadura militar necessita ser conhecido por muitos leitores crianças e jovens, haja vista que esses públicos também carecem dialogar e pensar sobre questões mais complexas relacionadas à memória da história nacional. É válido ressaltar que, diante da difícil temática, talvez a narrativa seja melhor compreendida por leitores juvenis. Entretanto, é lícito indicarmos a abertura de experiências literárias para outros leitores, não restringindo a premissa libertadora da literatura.

Em entrevista feita por Jaqueline Conte, também escritora de literatura infantil e juvenil, publicada no site do Jornal Plural Curitiba, em 13 de agosto de 2019, Roger Mello fala sobre a obra supracitada:

**Seu penúltimo livro, Clarice, escrito por você e ilustrado pelo Felipe Cavalcante, tem a ditadura como pano de fundo. É um livro juvenil com um projeto gráfico diferenciado, que chama atenção por ser inteiramente ilustrado. Em geral, os livros juvenis têm poucas ilustrações. Vocês imaginam que podem estar lançando uma tendência? Acha que é possível esse modelo prosperar, sobretudo nesse momento em que o mercado editorial não vive seus melhores dias?**

Eu não quis ilustrar o livro porque achei que já vivi tanto aquilo, que eu queria buscar outro olhar, eu queria um olhar de agora, não de 1965. Eu achava que o Felipe ia fazer de outra maneira, que não ia ser capa dura... e o livro foi ficando bonito. Sei lá, quando eu vi, dava vontade de comer o livro!

Ele fez incrível essa ilustração 4D, que é o fato de a capa cobrir o livro, o que era uma estratégia de algumas pessoas para cobrir os livros ditos “vermelhos”. Vermelho era qualquer livro que fosse de esquerda. Alguns eram vermelhos e não eram de esquerda. Mesmo assim foram jogados fora, porque normalmente os agentes

da ditadura não são pessoas muito letradas; alguns são, mas a maioria não.

Então, eu achei interessante que ele tenha criado um livro com uma série de elementos enigmáticos, gráficos... Ele tem uma ilustração não entregue, a figura não é óbvia. Ao mesmo tempo, ele traz um Burle Marx, ele traz uma Maria Martins, que isso era muito importante. A Maria Martins, essa mulher, essa pintora que era pra ser tão importante como o Picasso, no Brasil. Só o fato de ela ser uma mulher faz com que ela não seja igualmente celebrada? Ela é tão importante quanto Di Cavalcanti e Portinari. Impressionante. Gente, ela comprou o quadro Broadway Boogie-Woogie (\*de Piet Mondrian) e deu de presente pro MoMA. Ela é isso! O Duchamp moldou o peito dela para fazer a capa do livro... (\*para criar a capa do catálogo 'Surréalisme', de 1947). Ela estava no meio de toda a cena... Era uma artista da incomunicabilidade, brilhante.

Então, o Felipe foi trazendo e eu achei lindo. Porque não é um pastiche dela; não é um pastiche do Burle Marx, é o Felipe com a leitura que ele tem dela. Então, acho que, sim. Porque tem a ideia de que o jovem não gosta de livro ilustrado, não é? Ou eles gostam da fantasia ou esse tipo de livro eles não querem que seja ilustrado. Mas se for assim, um livro com design legal, eles gostam sim, porque dá vontade de segurar, de pegar, de sair com ele. (CONTE, 2019, s./p., grifo da autora).

O livro ilustrado é construído em uma via de mão dupla entre escritor e ilustrador, pois ambos têm sua importância na constituição da história que o objeto livro comportará. A partir dos fragmentos da entrevista citada, podemos observar que o próprio Roger Mello revela que a ilustração e o projeto gráfico do livro servem como uma estratégia de apreciação de leitura do público juvenil. É por meio também da ativação do ato de fantasiar que as ilustrações podem funcionar, prendendo a atenção dos leitores, pois não somente por textos verbais se faz a leitura do livro.

Além disso, segundo Rocha e Magalhães (2020), os elementos estruturais da narrativa têm uma importante contribuição nas relações da fantasia que os leitores pressupostos podem acionar. Dessa forma, como dito anteriormente, tudo gira em torno de uma narradora autodiegética, a criança Clarice, e tal fato pode servir como outra estratégia de aproximação entre a história e o leitor, por meio da identificação com a protagonista.

Assim como ocorrido em outros países, a Ditadura militar no Brasil foi um período marcado por imposição, violência e negação ao direito de liberdade de expressão, como podemos concluir com a leitura da pesquisa detalhada de Elio Gaspari (2002a, 2002b) acerca do tema. Dessa forma, os diversos meios artísticos foram reprimidos em suas manifestações, e a literatura foi monitorada e censurada, naturalmente por ser produção artística e cultural (MORAIS, 2011). Portanto, fez-se necessário que os escritores buscassem se reinventar para driblar

a censura à suas produções literárias, que passaram a ser usadas como a arma para reivindicar, mesmo que sutilmente, a liberdade que lhes fora retirada.

Nos anos 1970, a literatura infantil e juvenil teve um grande desenvolvimento na produção, pois mesmo com a repressão do regime ditatorial no Brasil, os autores e as autoras de histórias literárias, voltadas ao público do gênero, não foram tão vigiados, em razão de seus textos não serem considerados “perigosos” à ordem vigente. Assim, os escritores, até então, desconsiderados pela crítica, tinham certa liberdade e desmascaravam a opressão da época, por meio de seus enredos literários para o público infantil e juvenil.

[...] houve nessa época, uma literatura que não incomodou a ninguém, nem aos censores da ditadura. Foi a literatura escrita para o público infantil e juvenil. Como nem a crítica literária encarava esse tipo de produção como “literatura” de verdade, então, os artistas deste meio tinham mais liberdade para se expressar. Assim, surgiram, nessa época, diversos autores que, fazendo uso do poder de manusear com as palavras e da construção de excelentes metáforas, denunciavam o regime totalitário de então (MORAIS, 2011, p. 12).

É notório que esse período histórico da Ditadura no Brasil, ocorrido entre 1964 a 1985, foi marcado por inúmeros atos de violência de todos os tipos, seja por torturas, mortes, censuras e opressões àqueles que se opunham às ideologias da forma de governo vigente na época. A respeito disso, trazemos um trecho da visão de Fregonezi e Priori (2017) que sintetizam esses atos de violência ocorridos no contexto da Ditadura militar brasileira, a saber:

Combater os subversivos é uma das funções da Ditadura, para que o regime continue. Então começam as prisões, dos indivíduos suspeitos de qualquer coisa que possa afetar o regime. Estas prisões muitas vezes ocorriam de forma brusca e violenta, com alguns casos de morte. Outras vezes, os indivíduos simplesmente desapareciam e não havia mais notícias a respeito (FREGONEZI; PRIORI, 2017, p. 2472).

O contexto de repressão social também é matéria-prima para o engendramento literário, uma vez que a literatura se edifica na transfiguração da realidade. Isso posto, podemos inferir que a literatura materializa “cenas” de uma dada circunstância da vida social, seja nos gritos e nas palavras escritas de resistência, nos silenciamentos injustos, nas mortes e nos desaparecimentos injustificáveis, sofridos pelos sujeitos sócio-históricos da conjuntura do momento. Essas eventuais ocorrências com bases sociais e históricas também fazem parte do inventário literário destinado a crianças e adolescentes. Do ponto de vista do caráter de formação do leitor, a temática e os recursos linguísticos e estéticos das linguagens envolvidas mobilizam a percepção do leitor para uma visada múltipla que garanta a construção de horizontes possíveis a partir dos elementos que a literatura oferece, em prol da expansão de olhares apurados e críticos, com vistas à sua própria natureza plurissignificativa e subversiva. Isso ocorre em *Clarice* desde a jaqueta ilustrada que envolve a capa dura do livro, passando pela materialidade

das páginas coloridas, à articulação da prosa com as ilustrações, sendo esse último aspecto o foco do nosso estudo.

A instância do que a narradora enuncia, os diálogos que envolvem as personagens e as ilustrações formam a sequência da narrativa e, ao mesmo tempo, provocam as possibilidades de interpretação do leitor. Para isso, podemos destacar que a narrativa apresenta a situação da conjuntura social de repressão, oferecendo uma construção da imagem dos eventos narrativos ao leitor, ganhando mais força de significados quando há o encontro dos planos verbal e imagético, porque a atitude crítica leitora se estabelece na rota das vertentes de sua aproximação, relação, comparação e provocação de questionamentos no oportuno contato com o livro literário.

De certa forma, a literatura subverte a realidade, na medida em que se constitui da substância da arte. Nesse sentido, a leitura literária promove uma insubordinação dos olhares e imaginários de leitores, no tocante a qualquer questão veiculada pelo livro com ilustrações, tornando-os mais críticos e livres para a construção das suas visões de mundo. O sentido de subverter mencionado é na acepção de inquietar, revolucionar. Como atesta María Teresa Andruetto (2017), a literatura necessita gerar perguntas e não respostas, recuperando a condição humana, tão cara à experiência leitora, que ainda carece de possibilidades que visem explorar as linguagens no horizonte revolucionário para uma leitura crítica, transformadora e emancipatória.

Sobre o período da Ditadura militar no Brasil, no trato das questões que envolvem a manifestação repressiva do Estado, havia uma obsessão de anular a mobilização da sociedade que era contra o regime, conforme Gaspari (2002a). Como pontua Gaspari (2002a, p. 138), “perseguir subversivos era uma tarefa bem mais fácil do que encarcerar corruptos, pois se os primeiros defendiam uma ordem política, os outros aceitavam quaisquer tipos de ordens. Fariam parte do regime, fosse qual fosse”. Por isso, a necessidade do regime militar de vigiar e, conseqüentemente, punir os sujeitos considerados subversivos, tendo em vista o controle da sociedade civil brasileira. O estudioso Felipe Quintino (2016) acrescenta ainda que:

A propaganda anticomunista e as ações dos serviços de informações atingiram diversos setores da vida nacional durante a ditadura militar. Entidades estudantis, sindicatos, igrejas e movimentos sociais foram alguns deles. Criado em junho de 1964 pelo general Golbery do Couto e Silva e com sugestões de consultores norte-americanos, o Serviço Nacional de Informações (SNI) produziu dossiê sobre milhares de pessoas consideradas potencialmente "subversivas" (QUINTINO, 2016, p. 13-14).

A contrariedade aos atos do regime da Ditadura militar era considerada como uma atitude subversiva e que poderia ameaçar o domínio exercido sob os sujeitos que obedeciam às normas sociais, instauradas por E.L.E.S.<sup>1</sup> (os

---

<sup>1</sup> Termo em formato de sigla, de caráter indefinido e obscuro, empregado pela protagonista Clarice e seu primo Tarso, ambas personagens da obra *Clarice*, de Roger Mello, para referir-se às pessoas que serviam/trabalhavam/defendiam o regime da Ditadura militar no Brasil.

opressores). No livro *Clarice*, há relatos da personagem principal de que pessoas sumiam ou eram consideradas subversivas. A personagem Clarice não entende o sentido dos acontecimentos, o que a leva ao processo imaginativo em busca de descobrir o porquê de tais ações. Como podemos observar no fragmento a seguir:

Uma volta curta. Era pra ser um passeio e não uma viagem. Toda viagem tem cheiro de maçã e borracha. A borracha de um pneu que depois de cheio vira uma boia no lago e revira a gente na água. Era como viajar com a minha mãe... eh... quando a minha mãe ainda estava... Bem, a minha mãe não estava mais. Mas não estávamos indo a um passeio, por mais que as duas repetissem. “É um passeio, aproveita.” Não era, e na ida tinha uma pilha de livros do meu tamanho ao meu lado, no banco de trás. A pilha de livros agora também não estava mais. Não tinha maçã nem tinha borracha. Tinha um restinho de vento na janela da frente.

– Fecha a janela, que frio.

Que coisa, esse frio não passa, mesmo com a janela fechada.

Um resto de chuva e gotas empurradas pra cima no vidro. As gotas subiam em vez de cair. Culpa do vento. Do motor do carro.

– Ali, uma viatura da polícia, vamos pela Avenida das Nações então.

– Quando começamos a fugir da polícia, tia?

Ela fez assim com a mão como quem diz “depois, depois” (MELLO, 2018, p. 13-14).

No trecho acima a personagem Clarice tenta entender o porquê de estar em uma longa viagem, o porquê dos livros ao seu lado terem desaparecido e o porquê deles terem que se esconderem da polícia, misturando a sua realidade conturbada com a fantasia, por meio da imaginação. Podemos notar isso por meio da metáfora na expressão “toda viagem tem cheiro de maçã e borracha”, na qual percebemos a inocência da protagonista em busca de compreender uma realidade opressora, e que ela por ser infante é relegada ao silenciamento. Assim, ela não tem respostas das pessoas adultas do seu convívio, que a veem como um sujeito que não necessita de explicações quanto ao cenário da Ditadura militar, no qual ela está inserida no tempo da narrativa.

Dessa maneira, a menina protagonista, por meio de um paralelo entre a fantasia e o real, vai construindo significados para compreender uma sociedade opressora, durante um período conturbado como o da Ditadura militar no Brasil. Assim, a narrativa de *Clarice* inscreve-se num rol de obras literárias que dão conta da ficcionalização de questões éticas e sociais mais sensíveis à vida humana, mas sem perder de vista o caráter estético e fantasioso, aspectos imperativos para compor o imaginário do leitor.

A literatura infantil e juvenil também é extensiva em propiciar uma reflexão sobre conjunturas repressivas de ordem social e política, por meio do trato ficcional, que realçam a problematização do contexto da Ditadura militar no Brasil. Em se tratando dessa temática na literatura, Rejane Pivetta de Oliveira e Paulo C. Thomaz (2020) sublinham que a literatura serve como veículo de testemunho e, por conseguinte, constrói um imaginário ficcional que permite conhecer os desdobramentos do autoritarismo no horizonte do mundo contemporâneo. Os

recursos estéticos e literários na arte, em torno do livro, permitem uma compreensão mais reflexiva do construto das sociedades para uma interpretação da relação fantasia e real no jogo simbólico edificante às novas visões de mundo. Isso se dá na obra *Clarice* por meio de metáforas e códigos usados entre a personagem Clarice e seu primo Tarso na busca de decifrar o cenário conturbado da ditadura militar, além da maneira como os adultos se comportam em relação às personagens infantis da obra, que contribuem para instigar o imaginário dos leitores pressupostos.

Conforme Regina Dalcastagnè (2020), em “Literatura e resistência no Brasil hoje”, a título do processo autoritário presente na sociedade brasileira, a literatura é um instrumento de ação que desvenda acontecimentos repressores, públicos e secretos, sendo subsidiada por discursos capazes de chegar aos leitores através de tessituras que confrontem as histórias majoritárias contadas pelos opressores do regime. O contexto da Ditadura militar brasileira em *Clarice* é um fator importante para a configuração das vivências das personagens envolvidas na narrativa, porque, notadamente, expressa a atmosfera de suspense, medo e segredos recorrentes na época. Essa incursão contextual é também constituída por fantasia e imaginação, carâteres fundamentais pela perspectiva de criança da protagonista Clarice. Podemos notar tais configurações com a leitura do seguinte trecho:

- Lembra daquela parente minha que sumiu? Qual era o nome dela?
- Tarso pediu pra eu não dizer... o nome daquela parente que tinha mania de imprimir cartazes.
- Por que não?
- Ficava com medo de aprender o nome e repetir assim alto: “Fulana”, bem no meio dos sonhos dele: “Fulana”.
- Você sabe, alguém poderia ouvir. E falar pro pai da Alice.
- Eu sabia que o pai da Alice trabalhava pra E.L.E.S. Pros V.O.C.Ê. S.A.B.E. Q.U.E.M.
- O pai dela, lembra? Que tinha o costume de separar e cortar cenas de filmes que não eram pros outros verem?
- Por que ele não usava um uniforme como os V.O.C.Ê. S.A.B.E. Q.U.E.M.? Eu devo ter visto uma fotografia dele de uniforme, eu não sei, talvez não. [...] (MELLO, 2018, p. 61).

O fragmento citado corresponde a um diálogo entre Clarice e seu primo Tarso acerca de uma parente dele que sumira misteriosamente. Podemos constatar no trecho supracitado uma situação de medo e de suspense na narrativa, que são enfatizadas pela forma como as duas personagens infantis fazem referência à pessoa desaparecida. Eles temem pronunciar o nome dela, pois podem ser descobertos por alguém que trabalha no sistema opressivo d’E.L.E.S. Essa linguagem em código empregada pelas personagens revela as interpretações que esses dois fazem entre os acontecimentos de sua realidade e a fantasia, e tais relações implicam, por sua vez, uma maneira de entender o contexto opressor em que estão inseridos.

A propósito, reiteramos que a fantasia é faculdade inerente à natureza humana, propiciando o desenvolvimento cognitivo, atuando como fator compensatório e emancipatório, em razão das demandas existenciais. Como

sabemos, a fantasia mantém-se no decorrer do desenvolvimento do indivíduo, atenuando-se a partir da adolescência, mas isso não quer dizer que essa faculdade está dissociada das experiências do sujeito dessa fase, muito menos de adultos, pois a fantasia, como afirmamos, é intrínseca à existência humana. Partindo desse pressuposto fundamental, reiteramos que a literatura é uma produção cultural que estabelece relação direta com a fantasia, seja na criação artística, seja na recepção leitora. Assim, as obras literárias são e provocam um exercício do fantasiar. E no caso da obra *Clarice*, sendo auxiliado pela ilustração e temática da repressão militar. Com efeito, a fantasia na literatura para crianças e jovens mobiliza uma fruição estética da recepção do leitor, sendo provocado pelo jogo da linguagem, numa perspectiva emancipatória. Portanto, é nessa perceptiva que enfatizamos a contribuição da obra em análise no desenvolvimento desse público leitor, pois podemos notar a construção da narrativa pelo texto escrito e pelas ilustrações, além da personagem Clarice ser uma criança e narrar os eventos. Ao nosso ver, esse último aspecto pode suscitar nos leitores pressupostos uma identificação com a protagonista, dentre outros que se fazem importantes para o desenvolvimento crítico-reflexivo de crianças e jovens, tendo como vislumbre sua emancipação, por intermédio da relação entre a fantasia e o real.

### ***Clarice*: percursos imaginários e reais no horizonte emancipatório do leitor infantil e juvenil**

A obra *Clarice*, de Roger Mello, trata da história da personagem protagonista homônima ao título do livro, cujo nome foi uma homenagem à escritora Clarice Lispector, conforme declaração da própria personagem na narrativa. Clarice é a narradora de sua própria história e, em meio ao contexto da Ditadura militar no Brasil, a criança traça um percurso imaginário, reflexivo e repleto de questionamentos, buscando entender as palavras não ditas, as ações, aparentemente, sem sentido, a opressão e, além disso, quem são E.L.E.S. Dessa forma, à medida em que Clarice vai procurando respostas que expliquem a realidade e o contexto no qual está inserida, a personagem imerge no mundo da fantasia, traçando constantemente um paralelo entre o mundo imaginário e o real.

Em se tratando de uma crítica importante no segmento da literatura infantil e juvenil, ressaltamos a menção sobre a obra *Clarice* no *Anuario Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil 2019*, no artigo intitulado “Sobreviviendo a la turbulencia del mercado: la literatura infantil y juvenil en Brasil en el bienio 2017-2018”, do estudioso João Luís Ceccantini (2019), destacando o romance de Roger Mello como parte de uma mostra da produção juvenil desse período, caracterizada por criatividade e qualidade, dentro do panorama nacional. O crítico literário ainda sublinha que a obra é permeada por uma atmosfera caótica e claustrofóbica, cuja narrativa é urdida com medo e incertezas, além de trazer um projeto gráfico audaz e singular, contando com as ilustrações geométricas de Felipe Cavalcante.

No livro *Clarice*, a articulação entre texto e ilustração possui fundamental importância na compreensão da história, numa tessitura verbal e visual também marcada por simbologia. A personagem Clarice inicia a narrativa relatando que sua tia se desfez de alguns livros, amarrando-os com pedras e atirando-os no lago. Esse é um evento bastante instigante para a narrativa e propicia a produção de imagens

e sentidos. Essa ação reverbera carga simbólica durante toda a narrativa, pois a busca pelos livros “subversivos” é uma constância no enredo. Isso posto, citamos o seguinte excerto:

Ninguém ia querer que o livro voltasse à tona. Quando os adultos chegam ao ponto de amarrar livros com pedras, falam coisas sem sentido. Pedras e livros agora parecem fazer parte de um mesmo mundo, não sei.

[...]

O lago engole o livro como uma boca gigante.

[...]

- Eu aposto que essa água que engole o livro é uma boca gigante.

Que sentido faz alguém que tem tantos livros atirar livros pela ponte?

- Agora não, Clarice.

- Eu não perguntei nada.

- Mas fez cara de quem perguntou.

- Se os livros boiam, se voltam à tona, E.L.E.S. acabam nos descobrindo.

Quem eram E.L.E.S.? Não sei. [...] (MELLO, 2018, p. 9-10).

A partir da leitura do fragmento citado, podemos perceber como Clarice procura entender o sentido da ação dos adultos jogarem livros no lago. Essa imagem do silenciamento de tantos intelectuais, por meio dos livros sendo atirados no lago, é muito forte, porque provoca uma série de questionamentos a uma personagem criança que pode ver o livro como um objeto que facilita a sua travessia para outros universos e liberta para as experiências mais concretas da vida social. No entanto, a criança protagonista testemunha essa ação que cerceia o ato emancipatório de ler, que, conseqüentemente, deveria propiciar o conhecimento e a edificação do pensamento crítico. Por isso, nessa busca por respostas a personagem Clarice parte para o mundo imaginário, chegando à conclusão de que o lago é uma “boca gigante” (figura 1). Posterior ao trecho verbal citado, o leitor depara-se com a seguinte ilustração:



**Figura 1** – Lago com uma boca gigante.

**Fonte:** Mello (2018, p. 14-15).

Assim, associando o texto verbal à imagem citada, podemos inferir que a ilustração corresponde, de certa forma, à materialização das fantasias de Clarice.

Além disso, é válido chamar atenção às cores das ilustrações e o tom vibrante e quente de uma das colorações. Segundo Andrea Rodrigues Dalcin (2020, p. 88): “Texto e ilustração podem se opor, se complementar ou se compor diante da imensa variedade da quantidade de ilustrações e das maneiras singulares que compõem cada página do livro ilustrado”. Dessa forma, podemos concluir que a ilustração representada na figura 1 traz uma informação a mais ao leitor, não funcionando apenas como repetição do texto verbal. O lago com águas tragáveis pode representar uma metáfora, em que a água leva os livros que trariam conhecimentos e poderiam “abrir os olhos” da sociedade para as ideologias da época; também, pode transfigurar a dor dos oprimidos e silenciados por E.L.E.S.; além da cor do carro e da “boca gigante” na água que pode simbolizar a escuridão, a opressão dos que fugiam d’E.L.E.S. A propósito, tal sigla sugere que sejam os indivíduos que trabalhavam vigiando e punindo as pessoas que apresentavam comportamentos considerados subversivos, e esse é outro mistério na mente da personagem Clarice.

Em relação à repressão e negação à liberdade de expressão no período da Ditadura militar no Brasil, Felipe Quintino (2016), baseando-se em Alexandre Ayub (2001) afirma que:

As ações confiscatórias ocorriam de forma primária, improvisada e efetuadas por pessoas mal treinadas para esse tipo de operação, e eram justificadas através da necessidade de garantir a Segurança Nacional e a ordem moral. A medida tinha o objetivo de confiscar todo material considerado subversivo (AYUB, 2001, p. 215 *apud* QUINTINO, 2016, p. 22).

Dessa forma, além de livros considerados perigosos, eram restringidos outros materiais informativos como jornais e até mesmo filmes, que poderiam ser considerados subversivos. Essa subversão era tida como fator divergente ao regime ditatorial, pois, para E.L.E.S., fragilizava o ideário autoritarista e opressor das suas convicções ideológicas. O excerto a seguir trata de um diálogo entre Clarice e o primo Tarso a respeito do corte de cenas de filmes considerados subversivos:

No caminho pra casa o Tarso desandou a falar:

– Esse filme não foi cortado.

Como você sabe? Porque é um desenho animado?

– Porque dá pra ver quando cortam uma cena. O pai da Alice corta filmes, separa as cenas que ele não quer que os outros vejam. É muito fácil de perceber os cortes.

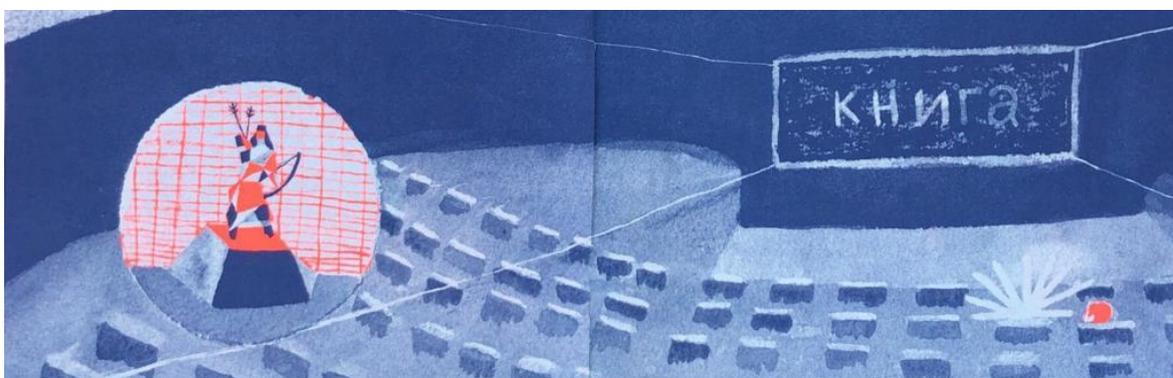
– Eu bem que desconfiava que o pai da Alice trabalhava pra E.L.E.S.

– Deve trabalhar. Ela disse que cortam o filme inteiro quando acham que o filme é subversivo.

Não sabíamos o que era essa palavra, “subversivo”.

Mas ouvíamos muito, então repetíamos sem saber mesmo: subversivo subversivo subversivo. Era bom de repetir (MELLO, 2018, p. 26-27).

Na ingenuidade e incompreensão do ambiente repressivo, observamos a repetição da palavra “subversivo” pelas personagens infantis no trecho citado, em que não há separação por vírgula entre as palavras, reforçando a ideia de continuidade da alienação ou apreensão de Clarice e Tarso acerca da realidade ao seu redor. A conversa sobre censura nos filmes, no caso de cortes de cenas, alinha-se à observação sobre o diálogo entre Clarice e Tarso, que acaba ficando pela metade, caracterizando, assim, um imbricamento estético entre a ação das personagens e os atos de fala na narrativa. Essa permanente atmosfera de medo, suspense, autoritarismo e cerceamento de direitos geram desdobramentos que alcançam uma resistência por parte de sujeitos perseguidos, envolvidos nesse contexto sócio-histórico. Por isso, as personagens adultas que se relacionam na narrativa apresentam mensagens cifradas e incompletas, provocando ainda mais a curiosidade das personagens crianças, que são mais suscetíveis ao jogo do decifrar. Na mesma página podemos observar a seguinte ilustração:



**Figura 2** – Cine Brasília.  
**Fonte:** Mello (2018, p. 27).

Na imagem da figura 2, podemos observar uma sala de cinema quase vazia, e a representação de um código na tela. Há ainda, no lado esquerdo da imagem, como destaque ou evocação, dentro de um círculo, a estátua de pedra de uma “guerreira”, com arco e flechas, situada próxima do prédio da sala de cinema, podendo ser relacionada com um símbolo de resistência às ações repressoras, cometidas no período ditatorial militar no Brasil.

Outro momento que se nota Clarice imergindo no mundo da fantasia, em busca de compreender a realidade, é no ponto em que ela compara o espaço sideral a um aquário, representado na televisão, como podemos observar no fragmento a seguir:

Na TV viajantes do espaço vestem roupas coloridas com golas pontudas no meio de plantas do deserto mexicano. Seres do outro mundo parecem mais monstros do fundo do mar. E dá pra ver que usam zíper.

O espaço na TV parece um aquário. Não é verdade? Ou é assim, ou os astronautas se casam com feiticeiras pra espantar a falta de graça de viajar num espaço azul e sem força (MELLO, 2018, p. 49).

No fragmento citado, temos características e elementos que descrevem a visão sobre o espaço sideral visto pela televisão, como um elemento que causa uma ambiguidade entre o real e o irreal, e conseqüentemente sobre a indagação das personagens, se seria verdade ou não que o espaço parecia um aquário, pois Clarice relaciona os astronautas com os seres aquáticos. Nas páginas seguintes temos a ilustração:



**Figura 3** – Espaço sideral visto na tela da televisão.  
**Fonte:** Mello (2018, p. 50-51).

A partir da observação da imagem da figura 3, podemos inferir que ela representa a forma que a personagem Clarice imagina o espaço sideral, constituindo-se, dessa forma, em uma ilustração da materialização das fantasias de Clarice, procurando entender seus questionamentos interiores. A imagem cria um efeito para dar conta da dimensão estética no uso das páginas duplas. De acordo com Dalcin (2020),

O livro ilustrado não só lida com cores/traços, não se define pela preocupação do ilustrador em dar a imagem, o estatuto antes exclusivo ao texto; ele também se faz/configura no uso das páginas duplas em que a ilustração se esparrama, se complementa, se contrapõe (DALCIN, 2020, p. 90).

Dessa forma, ainda acerca do aspecto do texto e ilustração na obra *Clarice*, é válido ressaltar como o ilustrador Felipe Cavalcante traz a ilustração representada na figura 3, com certa profusão de elementos visuais, tendo em vista que a personagem imagina o espaço sideral com uma característica de grandiosidade. Felipe Cavalcante traz uma ilustração que ultrapassa mais de uma página do livro,

e este aspecto não pode deixar de ser visto como algo simbólico, que permitirá ao leitor construir significados acerca de tal representação imagética, talvez, também, simulando uma dimensão no plano de enquadramento da TV e de um ambiente aquático. Esse procedimento do ilustrador oferece aos leitores possibilidades de interpretações, a partir da sua visão de mundo e do seu imaginário, que estão de prontidão para a verve da criação artística. O uso da imagem nas páginas duplas pode ainda provocar no olhar dos leitores um efeito mais duradouro para a construção dos sentidos que o livro literário subsidia.

No trecho a seguir, a protagonista Clarice, ao lembrar o dia em que passeia pelo Itamaraty, transita em suas fantasias, na tentativa de encontrar respostas para seus questionamentos sobre o mundo à sua volta:

A escultura chegou mais perto de mim como quem deixa escapar um segredo:

- Vai ver esse monstro do fundo do lago é feito os Dragões da Independência.

- Onde é que ficam os Dragões da Independência?

- Ali dentro.

Da galeria maior, se via o Palácio aonde o presidente deveria chegar num carro imenso. Mas não víamos nada ali dentro. Perguntei outra vez:

- Onde é que ficam os Dragões da Independência?

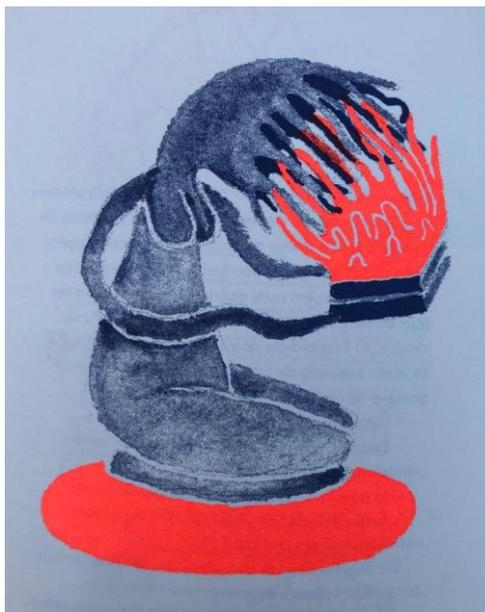
- Eles dormem ali – a guia elegante tinha apontado uma parede arredondada, ao lado da rampa do Palácio, do outro lado.

Não vi, vi apenas o carro com um homem vestido de uniforme. O presidente. O presidente era como E.L.E.S.?

Eu não queria que o Dragão da Independência tivesse a cabeça de bronze, uma crina de cavalo cobrindo as costas. Duas botas compridas engolindo a calça no joelho. Um dragão dormindo preso com outros dragões, numa caixa de mármore sem janelas? O Dragão da Independência era a coisa menos independente que eu já tinha visto.

Mas era assim esse dragão, e trabalhava pro presidente (MELLO, 2018, p. 89-90).

A escultura de Maria Martins (figura 4), antropomorfizada, dialoga com Clarice, instigando-a para curiosidade e imaginação. Para Rocha e Magalhães (2020), a atribuição de hábitos e ações humanas aos animais e objetos é uma das marcas de presença da fantasia nas narrativas infantis, correspondendo também a uma das etapas do desenvolvimento cognitivo humano. Dessa forma, um dos traços da fantasia presente na obra é a atribuição de características próprias do ser humano à escultura, um ser inanimado. As relações das personagens marcadas com a presença da fantasia trazem visões de mundo, que, notadamente, contribuem para uma emancipação leitora, uma vez que essa relação das personagens consolida o imaginário leitor, promovendo uma formação cognitiva e um olhar crítico a respeito da vida real. Essas experiências fantasiosas na dimensão da narrativa fazem parte de uma construção edificante para o leitor, balizadas por meio de linguagens do texto escrito e de imagens.



**Figura 4** – Escultura de Maria Martins.  
Fonte: Mello (2018, p. 88)

A ilustração da escultura de Maria Martins não é descrita no texto verbal, apenas apresentada na forma visual. Como podemos observar na ilustração, a escultura pode sugerir a forma do corpo de uma mulher, o que reforça a ideia de antropomorfização. Com base no exposto, as ilustrações acrescentam novos aspectos à narrativa, possibilitando ao leitor ampliar sua produção de sentidos, com o auxílio da subjetividade, proposta pela imagem, e da imaginação do receptor.

O conhecimento do ser no mundo, construído por meio da fantasia e realidade no nível narrativo de *Clarice*, via linguagens do texto e da imagem, permite uma significação importante à obra literária, porque transfigura o real para um possível nível de compreensão que se alicerça no estético. Esse procedimento possibilita a instauração de reflexões acerca de temas sensíveis e históricos da vivência humana, como o da repressão política no contexto da Ditadura militar brasileira, na cidade de Brasília, mantendo distância da preocupação com revelação de fatos e aproximação das vivências das personagens. Assim, a narrativa subverte olhares e imaginários inquietando leitores preferenciais que se interessam pela temática em questão no campo da literatura infantil e juvenil.

O Dragão da Independência é outro elemento que corresponde à fantasia presente na narrativa de Clarice. A obra em questão sugere o contexto da Ditadura militar no Brasil, que segundo Fregonezi e Priori (2017), foi instaurado pelo golpe instituído pelos militares, uma vez que esses passaram a intervir nos setores político, econômico e social do país, iniciando, assim, o governo ditatorial. A imagem do Dragão da Independência descrita no texto verbal da obra pode ser associada à figura do militar, tendo em vista que essas características se assemelham às características dos soldados, principalmente em relação à vestimenta do uniforme. Assim, o Dragão da Independência pode ser interpretado como uma metáfora referente aos militares.

Na concepção de Vasconcelos (2014), a sintonia entre os textos verbais e visuais acontece quando a imagem continua de onde a escrita parou, extrapolando para além do escrito, e, assim, permite a ampliação das possibilidades de produção de sentidos do leitor. Diante disso, podemos inferir que a ilustração apresentada dentro da obra, posteriormente ao trecho do texto verbal em análise, compõe a imagem de um dragão (figura 5), símbolo da cultura coreana, que diverge da imagem descrita no texto verbal. Portanto, podemos relacionar a referida ilustração também como a materialização da imagem do Dragão da Independência que a protagonista Clarice fantasia, a qual não está presente no texto escrito.



**Figura 5** – Dragão da Independência.  
Fonte: Mello (2018, p. 92)

Assim, de maneira mais abrangente, podemos concluir que a conjugação entre a fantasia, o texto verbal e a ilustração para a compreensão acerca do contexto ditatorial militar, na obra *Clarice*, articula configurações estéticas e literárias, em prol de uma experiência leitora dinamizadora, numa perspectiva emancipatória. A articulação entre texto verbal e ilustração, às vezes, complementam-se e, também, trazem cada qual um sentido para a leitura, que, sem dúvida, acaba formando o todo do livro, a contar também com o projeto gráfico, contribuindo assim para que o leitor tenha infinitas possibilidades de interpretação acerca da obra literária, aumentando sua capacidade de interação social e histórica entre sujeitos interlocutores e contextos diversos, a convite dos imaginários do escritor e do ilustrador, que circunscrevem o imaginário dos leitores infantis e juvenis.

### **Considerações Finais**

A partir da análise apresentada no presente estudo, consideramos que a obra *Clarice*, de Roger Mello, é uma imersão nas fantasias da narradora e protagonista de nome homônimo ao título, uma criança que procura compreender

os acontecimentos de um mundo opressor marcado pela Ditadura militar no Brasil. Desse modo, Clarice encontra na fantasia um refúgio e compensação diante do mundo adulto normatizado, à medida que narra suas aventuras. Desse modo, a menina vai traçando um paralelo entre a fantasia e o real e construindo significados para compreender a sociedade em que está inserida, apropriando-se efetivamente da sua capacidade de fantasiar, fase tão essencial e suscetível à criança, sendo essa a condição existencial da protagonista.

A fantasia e a ilustração auxiliam na leitura e na compreensão do contexto de opressão militar explorado nessa narrativa da ficção infantil e juvenil brasileira. Além disso, as ilustrações entram em sintonia com o texto escrito, materializando-o e apresentando novos aspectos que estão para além da linguagem verbal, o que possibilita ao leitor incursionar na imaginação e ampliar suas produções de sentidos, tanto na obra literária, quanto no mundo real, na resposta às descobertas do seu mundo interior e do mundo dos valores éticos e sociais, tão caros à formação das crianças e dos adolescentes.

---

## Referências

---

- ANDRUETTO, María Teresa. *A leitura, outra revolução*. Tradução de Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005. p. 25-46.
- CECCANTINI, João Luís. Sobrevivendo a la turbulencia del mercado: la literatura infantil y juvenil en Brasil en el bienio 2017-2018. In: *Anuario Iberoamericano sobre el Libro Infantil y Juvenil 2019*. Madrid: Fundación SM, 2019.
- CONTE, Jaqueline. *Roger Mello: para devolver à criança a criatividade livre*. Jornal Plural Curitiba, Curitiba, 2019. (Seção Cultura, entrevista). Disponível em: <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/roger-mello-para-devolver-a-crianca-a-criatividade-livre/>. Acesso em: 07 jun. 2021.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura e resistência no Brasil hoje. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020. (Estudos de literaturas contemporâneas).
- DALCIN, Andrea Rodrigues. O livro ilustrado de literatura infantil no Brasil: histórias, concepções e transformações. In: *Linha Mestra*. n. 40. Jan./abr. 2020, p. 80-94. Disponível em: <http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/337/362>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa?. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 93-121.

FREGONEZI, Rute Maria Cham; PRIORI, Ângelo. *A ditadura militar no Brasil: golpe, repressão e tortura*. VIII Congresso Internacional de História. XXII Semana de História. 2017. Disponível em:

[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3897.pdf&ved=2ahUKEwiN\\_syJrLzvAhWBHrkGHW9nCUMQFjAAegQIARAC&usg=AOvVaw02oAFwyzTUpZ90-NPwKDod](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3897.pdf&ved=2ahUKEwiN_syJrLzvAhWBHrkGHW9nCUMQFjAAegQIARAC&usg=AOvVaw02oAFwyzTUpZ90-NPwKDod). Acesso em: 15 mar. 2021.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002a. (Série As Ilusões Armadas; vol. 1).

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b. (Série As Ilusões Armadas; vol. 2).

GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de descoberta: proposta analítica de livros que concentram várias linguagens*. São Paulo: Paulinas, 2003.

MELLO, Roger. *Clarice*. Ilustrações de Felipe Cavalcante. São Paulo: Global Editora, 2018. 124 p.

MORAIS, Josenildo Oliveira de. *A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar*. 2011. 108 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011. Disponível em: <http://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2011/Josenildo.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Orgs.). *Literatura e ditadura*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020. (Estudos de literaturas contemporâneas).

QUINTINO, Felipe. “Zueno, Zoany, Zwenir”: rastros da vigilância ao jornalista Zuenir Ventura durante a ditadura militar. In: REIMÃO, Sandra (Org.). *Livros e subversão: seis estudos*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2016, p. 13-33.

ROCHA, Dheiky do Rêgo Monteiro; MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. Fantasia e real na literatura infantil: um excuro teórico para emancipação do leitor criança. In: MENDES JÚNIOR, Nilson Macêdo (Org.). *Literatura, linguística e educação*. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020, p. 83-109.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem. In: OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 123-139.

SOUSA, Camila Pereira de; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. A infância na narrativa juvenil Clarice, de Roger Mello: fragmentos de opressão, repressão e censura. *R. Letras*, Curitiba, v. 23, n. 40 p. 30-45, mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/13822>. Acesso em: 28 jun. 2021.

VASCONCELOS, Fabíola Cordeiro de. *Articulações entre texto escrito e ilustrações na literatura infantil: repercussões sobre a efetivação da leitura*. Anais V ENLIJE. Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/5867>. Acesso em: 18 mar. 2021.

---

## Para citar este artigo

---

SANTOS, Tayane Fernandes dos *et al.* Fantasia, ilustração e ditadura militar em *Clarice*, de Roger Mello: olhares e imaginários subversivos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 4, p. 1546-1568, nov.-dez. 2021.

1568  
895T

---

## Os Autores

---

**Tayane Fernandes dos Santos** é graduanda em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Timon. Voluntária no PIBEX/ UEMA ( 2021/2022), intitulado: Vivenciando práticas de leitura literária na formação inicial para uma mediação significativa na formação de leitores do texto literário na Educação Básica à luz da BNCC, desenvolvido na UEMA/CESTI.

**Gnaína dos Anjos Carneiro** é graduanda em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Timon.

**Luana Stefanny de Sousa Lima** é graduanda em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Timon.

**Vivian Hellen da Silva Costa** é graduanda em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Campus Timon.

**Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha** é doutorando em Linguagem e Ensino, área de concentração em Estudos Literários, na linha de pesquisa Práticas Leitoras e Diversidade de Gêneros Literários, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Mestre em Letras, Especialista em Literatura Brasileira e Licenciado em Letras Português, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Professor provisório no curso Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), no Centro de Estudos Superiores de Timon – CESTI. Membro do grupo de pesquisa "Estudos Interdisciplinares em Literatura e Linguagem" – LITERLI, da UEMA, na linha de pesquisa Literatura e Sociedade, cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.